**NO ADVENTO: A ESPERANÇA NUMA IGREJA A LER OS SINAIS DOS TEMPOS**

Este tempo do Advento é sempre um tempo de Esperança. Uma Esperança de que a nós cristãs e cristãos, nos advém do nascimento de Jesus, que veio para libertar a humanidade das correias da escravidão. Atuou, no seu tempo, pela libertação dos poderes coloniais de Roma e dos poderes, que instigaram a sua morte e a aprovaram, religiosos. O anúncio do Advento vem sempre à mistura com a sua morte, mas esta é uma Ressurreição permanente que nem os poderes económicos, políticos, culturais, sociais e religiosos podem sufocar. Do seu nascimento nasceu a Esperança de uma Nova Humanidade, de que hoje somos colaboradores. E se existem cristãos e cristãs que não são colaboradores de uma nova ordem internacional, onde todos e todas, tenham voz, é porque não compreenderam o menino nascido, Filho de Deus, na Trindade Infinita. Neste Avento de 2020 a nossa Esperança é que a Igreja consiga entender este nascimento de Jesus, como uma Boa Nova para todos os homens e todas as mulheres, e entender que existe uma Espiritualidade Cósmica que ultrapassa o nosso entendimento, e só a vamos achando na medida em que formos fazedores desta Ressurreição de Jesus, do qual estamos a comemorar o nascimento. É forçoso que entendamos a vida e a proclamação da Boa Nova de Jesus, nascido nas periferias e rejeitando todos os poderes. Que os poderes religiosos não tinham nenhum interesse que aparecesse Jesus naquela época, todos já o compreendemos, agora que os ensinamentos de Jesus foram, necessariamente, políticos, aí é que já não aceitamos. Então que, hoje, são efetivamente políticos, ainda mais se rejeita. Jesus não poderia deixar de contribuir para uma outra sociedade, ele fala com a samaritana, inimiga política, ele conta a cena do Bom Samaritano que acorreu a um inimigo político.

Muitos dizem que isto não é assim. Uma vez Jesus disse “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”, entendendo que o “César” é a política e “Deus” a religião. Esta forma de interpretar ao tempo, e ao hoje, não é isso que traduz. Afirma, sim, Jesus que “dai” a César a opressão, o colonialismo, o esmagamento dos direitos de cada homem e de cada mulher, dai-lhe as “moedas”, dai-lhe tudo o que é traduzido pelo “mal”, mas afirmai que Deus é o contrário disso, porque é libertador, é contra os poderes políticos que não ouvem as necessidades do povo e não escutam os seus clamores culturais, e são a favor do esmagamento da Criação. A frase de Jesus é, de facto, uma interpretação política da Espiritualidade, Ele inaugura com o que disse uma Teologia Política, de que tantos nos querem ver afastados. Não é um partido político que assume, mas um modo de estar na cidade, escutando os clamores do seu povo. Se nos enfeudarmos a uma atitude religiosa, que não a uma atitude de (re) ligação, sem enfrentar os problemas das nossas vidas com o Evangelho da Fraternidade e Amizade, estamos a negar a grande Boa Nova.

Ler os sinais dos tempos é escutar o “Grito da Terra e o Grito dos Pobres”, de que nos fala Leonardo Boff, e, posteriormente, Francisco, bispo de Roma e papa. Hoje os poderes religiosos querem viver à custa da sua subjugação aos poderes políticos – estes até lhe oferecem estátuas -, mas isso é o contrário das palavras de Jesus, e muito mais do que isso, da sua vivência libertadora. Estar nas “periferias”, sejam ela a Amazónia ou tantas Amazónias que estão pelo mundo fora, é uma atitude política, de defesa da cidade, de defesa de uma Espiritualidade da Cidadania. A Igreja, hoje, tem de estar nos pântanos políticos, como pronunciadora da Paz e da Amizade e Misericórdia; a Igreja hoje tem de ser provocadora, fora-do-sistema que os Bolsonaros, os Trumps e outros seus aliados, como existem na América Latina, ou em tantos pontos do globo, chamem-se Le Pene, Venturas, Kims, ou tantos que vagueiam por aí, e que dizem ser os salvadores, dos sistemas ditatoriais, que tantos conhecemos, com bênçãos da Igreja ao mais alto nível.

Estamos no caminho do Advento, numa luta contra economias que matam e têm nome, e os seus aliados que sabem que viver, para eles, é matar, com as armas e o povo com fome. Os cristãos não podem, neste advento esquecer isso. E mais, numa altura em que tanto se fala em vacina contra a pandemia COVID – 19, esquecer que os países mais pobres, os pobres dos nossos países, serão esquecidos, isso é uma questão política, mas mais que tudo uma razão de Fraternidade e Amizade. E, então, quando se pretende não a utilizar nas pessoas de idade mais avançada, é um sacrilégio criminoso.

Haveremos neste Advento do ano de 2020, exercitar uma longa campanha, pela anulação das dividas dos países pobres, mas mais que isso, lembrar em palavras e atos, que qualquer vacina, que a ciência produzirá, é um sinal, para nós, de que ninguém pode ser marginalizado. Era isso que Jesus faria, é isso que todos nós de qualquer religião ou sem ela, somos chamados a clamar contra a marginalização. É o Advento do Senhor!

Joaquim Armindo

Pós – doutorando em Teologia

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental

Diácono – Porto - Portugal